

Reprodutibilidade técnica em tempos de digitalização da Tevê Universitária Brasileira¹

Autora: Prof.ª Vilma Silva Lima²

Instituição: Universidade Cruzeiro do Sul

Resumo: O presente trabalho visa fazer algumas conjecturas em relação aos ensaios “A obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica” e “O Narrador”, escritos pelo filósofo cultural alemão Walter Benjamin e publicados em 1936 e os canais universitários, uma possibilidade ratificada pela lei 8.977 de Janeiro de 1995. Conceitos como aura, mudanças introduzidas pela reprodutibilidade técnica, memória e narrativa, aplicados a essa modalidade de tevê explicitam algumas das possibilidades de compreensão do objeto e atualizam os conceitos trazidos a público no contexto europeu marcado pela segunda guerra mundial e pela ascensão do cinema.

Palavras-chave: Televisão; Televisão Universitária; Walter Benjamin; Tevê Digital.

Introdução

A primeira TV batizada de universitária em nosso país foi a da Universidade Federal de Pernambuco - TV Universitária do Recife³ -, inaugurada em 1967. De lá para cá muita coisa mudou no âmbito da televisão brasileira, porém, a realidade das tevês universitárias continua bem próxima àquela. As dificuldades de produção, de financiamento e de uma linha editorial adequada ao segmento desde o início fazem parte da realidade do setor.

Atualmente há no país 51 canais universitários e mais de 100 instituições de ensino superior que possuem tevês universitárias. Vale lembrar que um canal universitário pode agregar várias universidades num só canal.

A maior parte das televisões universitárias veicula sua programação a partir da possibilidade criada pela Lei do Cabo que prevê em um de seus artigos a disponibilização

¹ Trabalho apresentado ao NP de Comunicação Audiovisual do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Vilma Silva Lima, Relações Públicas, doutoranda em Ciências Sociais pela PUC/SP, Professora no curso de Comunicação Social (Universidade Cruzeiro do Sul) e Diretora Geral da TV Unicsul – Canal Universitário de São Paulo. Vilma.lima@unicsul.br.

³ A TV Universitária do Recife desde que foi criada veicula seus programas por meio de sinal aberto. A autorização para seu funcionamento foi por meio da lei 236 de 1967.

gratuita de um canal para uso compartilhado das universidades existentes dentro do município da prestadora do serviço de televisão por cabo.

A história da tevê no Brasil, ainda bastante recente, porém de importância significativa para a história de nosso país, permite que façamos inúmeras afirmações: ela colabora com a formação de identidades nacionais; difunde a ideologia dominante; constrói estética multicultural; difunde comportamentos; introduz, rapidamente, inovações tecnológicas. E apesar de ser um meio considerado altamente modernizador, resiste à experimentação.

O fazer televisivo, no Brasil, consolidou-se a partir de um padrão hegemonicamente comercial e o número e a qualidade dos programas de entretenimento têm superado aqueles com características educacionais.

A Rede Globo de televisão, detentora de um certo “padrão globo de qualidade”, sem definição precisa, porém, um ideal a ser seguido por quem pretende fazer tevê no Brasil, é a maior rede de comunicação de nosso país⁴.

Enquanto alguns poucos privilegiados tornaram-se emissores de mensagens televisivas, grande parte da sociedade civil se viu à margem desta história. Podemos afirmar que se estabeleceu uma mensagem de mão-única que tornou-nos escravos de um padrão e “analfabetos” para outras possibilidades de fazer tevê. O pouco que surge fora do sistema dominante é rapidamente diluído. O descompasso entre a realidade da tevê brasileira e a legislação, inicialmente formulada para regular o meio, está cada vez mais evidente, principalmente no tocante ao interesse e serviço público e às finalidades educacionais.

Com mais de meio século a tevê brasileira prometeu mais do que fez e sem pretender relativizar, acreditamos que novos cenários estão sendo desenhados a partir das inúmeras possibilidades tecnológicas. A área da comunicação se desenvolveu muito velozmente nas últimas décadas e essa rapidez se deu tanto no caso dos meios de distribuição quanto no formato e nos conteúdos.

Liberdade de expressão e acesso democrático aos meios de comunicação, antes uma utopia, hoje, podem ser considerados um futuro bem próximo com a digitalização do sinal

⁴ Segundo dados publicados pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação em fevereiro de 2006 – A Fundação Roberto Marinho continua à frente de suas concorrentes. Atualmente é detentora de 204 veículos de Comunicação (89 tevês VHF; 8 tevês UHF; 34 rádio AM; 53 rádio FM; e 20 jornais)

da tevê. A tecnologia digital permite uma convergência tecnológica completa para transmitir, processar e receber conteúdos aproximando sobremaneira os meios. As diferenças, antes visíveis entre os diversos meios (rádio, televisão, jornal e os serviços de telecomunicações) serão minimizadas a partir das possibilidades digitais.

Toda essa tecnologia demanda novas reflexões a respeito do meio de comunicação mais presente na vida do cidadão brasileiro. Para Rosa (2003) a tevê digital deve ser pensada a partir de dois modelos de linguagem: de uso e de produção. Para o primeiro muda a maneira de ver, o hábito de assistir; já para a produção, há a necessidade de mudanças nos “procedimentos de fazer TV”. As implicações são múltiplas, exigindo dos diferentes envolvidos na produção, circulação e consumo da mensagem televisiva estratégias coerentes com interesses, muitas vezes antagônicos.

Em relação, especificamente, à tevê Universitária estudiosos da área apontam três vantagens da tevê digital em relação à convencional que podem ser apropriadas pelo segmento universitário. A primeira diz respeito à democratização do acesso, ou seja, é possível dar acesso a setores da sociedade não contemplados no sistema analógico. A segunda vantagem é a transmissão em alta definição, que permitirá à tevê aproximar-se da qualidade de imagem e som do cinema. A tevê universitária incorporou a tecnologia digital na captação e edição dos produtos televisivos, o que facilitará a migração do segmento para a plataforma digital. A interatividade, terceira vantagem apontada, configura uma possibilidade real de aproximação entre a universidade e o telespectador. Partindo desse pressuposto, é possível inferir que o conhecimento acadêmico poderá ser acessado pelo conjunto dos telespectadores. Para isto, segundo Priolli (2005), “... podemos trabalhar para desenvolver softwares e metodologias de uso da tevê digital pelos cidadãos, contribuindo para promover uma audiência de tevê muito mais qualificada, exigente e ativa do que a existente hoje”.

1. Da Reprodução Mecânica de Benjamin à Digitalização do Sinal para as tevês Universitárias

Em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” Walter Benjamin tentava compreender e analisar os efeitos da fotografia e do cinema no mundo

das artes. Adotando uma postura mais tarde questionada por Adorno, que afirmava a impossibilidade de entendermos a fotografia e o cinema como arte, Benjamin volta sua atenção para o seguinte questionamento: *como a fotografia e outras modernas técnicas de reprodução de uma obra poderiam transformar as artes em geral?* Segundo ele a principal mudança constituía-se no fato de que com a possibilidade da reprodução mecânica dos objetos artísticos, um número infinitamente maior de pessoas poderia ter acesso a esses bens de consumo antes restritos a um pequeno grupo privilegiado. Para ele,

Com a litografia, a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. Esse procedimento muito mais preciso, que distingue a transcrição do desenho numa pedra de sua incisão sobre um bloco de madeira ou uma prancha de cobre, permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa, como já acontecia antes, mas também sob a forma de criações sempre novas. Dessa forma, as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana. (BENJAMIN, 1994a, p. 166)

Para os canais universitários a digitalização dos sinais de tevê significará a possibilidade de levar para um número ainda maior de pessoas a programação oriunda das universidades brasileiras.

O universo da ciência e da pesquisa esteve, historicamente, relacionado a especialistas, ficando para os demais a expectativa sobre a divulgação das descobertas e invenções. Se para Benjamin a reprodução mecânica significou a disseminação das artes, para os canais universitários o advento da tevê digital significará a diminuição do espaço entre a disseminação do saber acadêmico e a sociedade. Podemos afirmar que a televisão universitária poderá constituir-se um ótimo elo entre as salas de aula e as comunidades. Poderá constituir-se ainda numa extensão das bibliotecas, dos laboratórios, dos eventos científicos e esportivos, algo semelhante à afirmação de Benjamin (1994a, p. 168), para quem “A catedral abandona seu lugar para instalar-se no estúdio de um amador; o coro, executado numa sala ou ao ar livre, pode ser ouvido num quarto”.

A intenção de nosso trabalho não é a de demonstrar a importância da televisão universitária como um meio de acesso ao conhecimento em geral e ao conhecimento científico em especial, o que, aliás, já foi ratificado pelos inúmeros prêmios recebidos pelas diversas tevês universitárias espalhadas pelo país, mas sim mostrá-la como componente

essencial na produção de conhecimento já que poderá ser utilizada como uma tecnologia a serviço da pesquisa científica.

A relação transformadora entre a universidade e a sociedade depende da natureza do conhecimento que se produz e como é disponibilizado e democratizado. Nesse sentido, podemos situar o canal universitário como meio difusor desse conhecimento. Podemos afirmar, portanto, que, reconhecendo a necessidade da universidade em se mostrar, em se desvelar e provocar o conhecimento cognitivo e cultural, a reflexão, o pensar crítico, o canal universitário, no sentido amplo da sua atividade, é instrumento amplo de cidadania. (DIAS, 2002 p.1)

A partir da televisão digital devemos repensar não só o fazer televisão, mas, principalmente, a concepção de ensino e o estado do próprio conhecimento. O pesquisador Carl Sagan (apud Paviani, 1998, p. 17) reforça a necessidade desta interação entre televisão e universidade. Segundo ele “os espectadores continuam cientificamente analfabetos apesar de tantas horas diárias de televisão”.

2. A autenticidade e a aura na Universidade

Se por um lado a reprodução mecânica multiplicou o alcance cultural dos objetos de arte, por outro forçou a revisão do valor ritualístico destes já que para Benjamin a simples retirada do objeto de arte de seu contexto original significava a anulação de seu caráter único ou de sua existência histórica.

Fazer as coisas “ficarem mais próximas” é uma preocupação tão apaixonante das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade. Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução. (BENJAMIN, 1994a, p. 170)

Podemos afirmar que a aura, definida por Benjamin (1994a, p.170) como “...figura singular, composta por elementos espaciais e temporais...” está presente em todo o território acadêmico. A universidade, no Brasil, ganhou legitimidade a partir da segunda metade do século XX profissionalizando a intelectualidade sem, porém, manter vínculo com a vida simbólica e material da sociedade brasileira (Bosi, 1992). Seja pela iniciativa do Estado, seja pela aparente contradição entre ciência e cotidiano, esse distanciamento no geral mantêm-se.

Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar “o semelhante do mundo” e tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até o fenômeno único. (BENJAMIN, 1994a, p. 170)

É sabido que a universidade é uma organização voltada para a educação, para a ciência e para o saber. Sua missão está relacionada aos mundos da ciência, da cultura, das artes e das letras. Retirar dela esse “invólucro”, não necessariamente, destruir sua aura, mas sim democratizar seu conhecimento é um dos objetivos dos canais universitários que visam tornar-se uma vitrine pela qual a sociedade pode ver o que as universidades pensam e produzem.

A universidade é o lugar da pluralidade, portanto, seu patrimônio deve ser democratizado visando permitir que a sociedade possa elaborar reflexões consistentes do mundo em que vive. A televisão universitária, assim como as instituições de ensino, deve privilegiar o conhecimento e a reflexão diante das informações que estão sendo veiculadas.

Muitos afirmam que a televisão demarca o fim das grandes narrativas. Aqui novamente podemos citar Benjamin quando entre 1928 e 1935 em dois ensaios, “Experiência e Pobreza” e “O Narrador”, tratou destes assuntos. Especificamente no ensaio “O Narrador” o autor refere-se à nova forma de comunicação da modernidade, a informação. Apesar de parecer contraditório, este momento marca, para Benjamin, o desaparecimento do narrador, ou seja, a decadência da narrativa. Cabe aqui fazer um recorte e apresentar o narrador como descrito por Benjamin (1994b, p. 203) “o narrador vai colher aquilo que narra a experiência, seja própria ou relatada. E transforma-a por vezes em experiência daqueles que ouvem a sua história”. Podemos concluir que enquanto a narrativa pede para ser lembrada, difundida, contada e recontada várias vezes, uma vez que prescinde da comprovação da verificação já que é intrínseca à experiência do narrador, a informação, ao contrário, precisa ser verificável, ser plausível, portanto, vive do imediato, esgotando-se no mesmo momento em que é apresentada.

A televisão universitária pode significar uma forma de comunicação apropriada ao renascimento das narrativas, dando ao telespectador a liberdade de interpretar os fatos sem a interferência do tempo imposto pela rapidez, técnica e estética da tevê comercial.

A digitalização do sinal e a utilização da linguagem televisiva por instituições acadêmicas podem significar a utilização da tevê como um instrumento de difusão da cultura e de desenvolvimento social. A televisão, naturalmente, tem uma função educativa em nossa sociedade e com a tecnologia digital poderá funcionar como um elemento de produção de conhecimento, haja vista ser a tevê um dos meios mais poderosos de transformação de conhecimentos em linguagem, informação e comunicação. Sendo assim, a televisão universitária tem a função de estender o ensino, a pesquisa e a cultura a toda a comunidade acadêmica e à sociedade. Seu campo de atuação é ao mesmo tempo amplo e particular. A possibilidade do uso da tevê pelas universidades implicará mudanças na concepção de ensino e no estatuto do próprio conhecimento; assim como Benjamin, acreditamos no potencial de transformação social dessas mudanças.

3. Reprodução mecânica versus Reprodução digital

Se a reprodução mecânica, objeto de estudo de Benjamin em 1936, multiplicava o alcance cultural dos objetos de arte, a convergência de mídia provocada pela digitalização dos sinais e a possibilidade de distribuição de conteúdos por outras mídias, ampliarão de maneira significativa o alcance das mensagens e as possibilidades de interatividade. Aqui cabe pensar se há alguma coisa de comum entre a reprodutibilidade digital e aquela tratada por Benjamin há 70 anos.

Assim como para Benjamin, que acreditava que a reprodução mecânica atualizava o objeto reproduzido, acreditamos que a digitalização do sinal permitirá à produção acadêmica ir ao encontro de um número bastante grande de cidadãos antes excluídos, tanto da produção quanto da emissão de conteúdos.

No mundo pós-moderno, o digital passa a integrar várias mídias, o fenômeno da reprodução técnica capaz de “ampliar” ou “retardar” os acontecimentos para além da “visão natural” passa a ter mais sentido.

Se as técnicas utilizadas pelo cinema eram capazes de “revelar inteiramente novas formações estruturais de um assunto” as tecnologias digitais possibilitam não só o vislumbrar como também manipulação e recriação. A verdade única do objeto passa a ser

questionada; o “real” está em constante transformação. O homem pós-moderno, aquele que se comunica com o mundo à distância, vive realidades constituídas, simultaneamente, do local e do global, simbolicamente entrelaçados pelas culturas.

Essa mesma tecnologia, que em princípio pode parecer algoz, permitirá outros mundos em estado de conexão e de possibilidade. Além de permitir a outros atores a possibilidade de passarem de receptores a emissores, caracterizando a democratização preconizada por Benjamin e ainda à espera de realização.

A tecnologia já permite ao homem o diálogo, a comutação, o trocar juntos, ou seja, possibilita superar aquela antiga estrutura do processo de comunicação formada por emissor, canal e receptor. A tevê se casará com outras mídias e a partir daí esperamos para ver o que nascerá destas uniões, como preconizou Benjamin referindo-se à autoria, indicando que a distinção entre autor e público está prestes a perder seu caráter principal. A diferença torna-se meramente funcional e pode variar de caso para caso.

Bibliografia

BENJAMIN, W. “A obra de arte de sua reprodutibilidade técnica.” In: **Magia e técnica, arte e política**. 7ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994a, p. 165-196.

BENJAMIN, W. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.” In: **Magia e técnica, arte e política**. 7ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 197-221.

BOSI, A. **A Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DIAS, Gabriela. Canal Universitário X Cidadania. Rio de Janeiro: mimeo, 2002.

PAVIANI, J. “Perfil de uma TV universitária: importância e características”. IN: DE CARLI, A. M. S. E TRENTIN, A. N. **A TV da Universidade**. Caxias do Sul: UCS, 1998, pp. 15-19.

PENA, Felipe. **Televisão e Sociedade – do Big Brother à TV universitária**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

ROSA, A **Tv Digital. Entrando no ar! Agora, no Brasil!** Intercom. Belo Horizonte: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da comunicação, 2003.

Webgrafia

PRIOLLI, G. Tv Digital e Tvs Universitárias: uma entrevista com Gabriel Priolli, Presidente da Associação Brasileira de Televisões Universitárias. Disponível em www.abtu.org.br – acesso em 15.04.2006